

JUANA PAULA MANSO E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA NOS ARTIGOS PUBLICADOS NO SEU PERIÓDICO O JORNAL DAS SENHORAS (1852)

Carolina Barros
(UFPA)

Juliana Queiroz
(UFPA)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

Carolina Barros possui graduação em Letras - Língua Portuguesa (2021), pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialização em Educação Especial (2023), pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Durante os anos de 2017 a 2020, foi bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) pela UFPA, no qual trabalhou com análise de fontes primárias como periódicos, catálogos e cartas, coordenado pela Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz. Tem experiência em trabalhos com autoria feminina, como Maria Firmina dos Reis e Juana Manso. Atualmente, é Mestra em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela UFPA, dando continuidade ao trabalho acerca da autoria feminina no Brasil e está vinculada à linha de pesquisa Literatura: Interpretação, Circulação e Recepção. E-mail: carolinanrb@gmail.com

Juliana Queiroz Possui bacharelado e licenciatura em Letras (1999), mestrado em Teoria e História Literária (2004) e doutorado em Teoria e História Literária (2011), pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem experiência como docente de literatura brasileira e portuguesa no ensino médio e superior e, desde 2014, é professora efetiva de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na graduação e na pós-graduação com pesquisas relacionadas à produção, circulação e recepção de narrativas no Brasil e em Portugal na segunda metade do século XIX, bem como estudos voltados a romances de autoria feminina. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado na UFMG com projeto intitulado "Letras de Mulheres: um estudo da coleção Escritoras do Brasil, do Senado Federal". É membro do GT A Mulher na Literatura, da ANPOLL. E-mail: jumaiaque@gmail.com

RESUMO

O artigo a seguir tem como objetivo apresentar a luta da periodista Juana Paula Manso na busca pela emancipação feminina, publicada em artigos, no seu periódico *O Jornal das Senhoras* (1852), durante o período que foi fundadora e redatora-chefe. Em um total de 7 artigos, Manso buscou apresentar, qualificar e justificar a importância do acesso à educação para a mulher brasileira oitocentista. Para Juana Manso, seria através da educação que as mulheres poderiam

RESUMEN

El artículo siguiente tiene como objetivo presentar la lucha de la periodista Juana Paula Manso en la búsqueda de la emancipación femenina, publicada en artículos de su periódico *O Jornal das Senhoras* (1852), durante el tiempo en que fue fundadora y redactora jefe. En un total de 7 artículos, Manso buscó presentar, calificar y justificar la importancia del acceso a la educación para la mujer brasileña del siglo XIX. Para Juana Manso, sería a través de la educación que las mujeres podrían



<p>entender e buscar por seus direitos e deveres perante a sociedade. Além do mais, seria por meio da educação que elas poderiam educar os filhos com qualidade e dignidade. Assim, percebeu-se que o intuito de Juana Manso foi apresentar e instigar a sociedade brasileira oitocentista, principalmente as mulheres, no que diz respeito à importância da educação. A metodologia deste trabalho consistiu no levantamento de dados presentes no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que podem ser acessados publicamente, bem como a análise dos artigos localizados no <i>O Jornal das Senhoras</i> (1852). Portanto, de acordo com Carlos Gil (2002), a metodologia estabeleceu-se em duas partes, uma análise documental e outra bibliográfica.</p>	<p>entender y buscar sus derechos y deberes ante la sociedad. Además, sería mediante la educación que podrían educar a sus hijos con calidad y dignidad. Así, se percibió que el objetivo de Juana Manso fue presentar e instigar a la sociedad brasileña del siglo XIX, especialmente a las mujeres, respecto a la importancia de la educación. La metodología de este trabajo consistió en la recolección de datos presentes en el sitio de la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, que pueden ser accedidos públicamente, así como el análisis de los artículos localizados en <i>O Jornal das Senhoras</i> (1852). Por lo tanto, de acuerdo con Carlos Gil (2002), la metodología se estableció en dos partes: un análisis documental y otro bibliográfico.</p>
---	--

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Século XIX; Juana Paula Manso de Noronha; <i>O Jornal das Senhoras</i> ; Emancipação Feminina.	Siglo XIX, Juana Paula Manso; <i>O Jornal das Senhoras</i> ; Emancipación Feminina.

INTRODUÇÃO

A emancipação feminina é um tema de grande relevância histórica e social, refletindo as lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo. Neste contexto, a figura da jornalista Juana Paula Manso se destaca, especialmente por meio de suas publicações no periódico *O Jornal das Senhoras* entre 1852 e 1855. Esta pesquisa tem como objetivo analisar os artigos que Manso escreveu sobre a emancipação feminina durante seu período à frente do jornal, explorando como suas ideias e abordagens contribuíram para o debate sobre o papel das mulheres na sociedade da época. Ao examinar essas publicações, buscamos compreender melhor a importância de sua voz no movimento de emancipação.

A metodologia desta pesquisa envolve uma análise qualitativa em duas partes: a primeira é a busca de documentos e a segunda é o levantamento bibliográfico sobre a autora e sua obra. Segundo Gil (2002), a pesquisa documental lida com documentos que ainda não foram analisados sobre o tema. Esses materiais ainda podem ser trabalhados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 2002, p. 45). Vale lembrar que esses documentos são fontes primárias e, como diz Zilberman (2004), eles ajudam a construir uma narrativa da História, baseada nos documentos que registram o passado (Zilberman, 2004, p. 15).

Juana Paula Manso nasceu em Buenos Aires, em 26 de junho de 1819 e faleceu em 24 de abril de 1875, na sua cidade natal. Por consequência de conflitos políticos, a escritora, ainda muito jovem, teve que fugir para o Brasil, acompanhada de seus pais.

No Brasil a periodista inaugurou o primeiro periódico voltado para o público feminino, *O Jornal das Senhoras*, em 1852, que era publicado aos domingos e continha nas suas edições: um editorial, um trecho de um romance encadernado na página inteira do jornal, diferente dos folhetins que eram nos rodapés; algum traje de moda parisiense, um poema ou uma crônica. Ademais, em algumas edições Manso destacava artigos sobre a educação e a emancipação feminina, sendo essa última o objetivo deste artigo.



1 A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO O JORNAL DAS SENHORAS (1852)

Juana Manso, uma figura proeminente na luta pela emancipação feminina no século XIX, teve um papel significativo como fundadora e diretora do **O Jornal das Senhoras**, onde se destacou por sua defesa dos direitos das mulheres. Em apenas 26 edições, um ano de publicações, ela abordou temas essenciais, como a necessidade de consolidar os direitos naturais das mulheres, a valorização de sua educação e a promoção de sua imagem como seres pensantes, superiores em sensibilidade e virtude. Sua abordagem visava não apenas a emancipação moral, mas também uma transformação profunda na vida das mulheres, utilizando o jornal como plataforma para discutir e disseminar essas ideias.

Além de seu conteúdo inovador, Juana Manso incorporou estratégias editoriais eficazes, como a inclusão de tendências de moda, reconhecendo que esses elementos atrativos poderiam conquistar a atenção do público feminino. Sua habilidade em misturar questões sociais com temas de interesse prático, como a moda, reforçou sua intenção de educar e empoderar as mulheres, ao mesmo tempo que buscava desmistificar a ideia de que a emancipação poderia ser vista como uma ameaça. Assim, Manso não apenas se destacou por sua autoria visível na imprensa, mas também por sua visão de que a educação e a ilustração das mulheres eram essenciais para a mudança social.

Juana Manso ficou à frente da direção do *O Jornal das Senhoras* durante apenas 26 edições. Posteriormente, ela possuiu algumas participações no jornal. Dessas edições, destacamos as publicações que a periodista assinou com seu nome de batismo: 1ª edição de 1 de janeiro de 1852, 2ª edição de 11 de janeiro de 1852, 4ª edição de 25 de janeiro de 1852, 6ª edição de 8 de fevereiro de 1852, 11ª edição de 14 de março de 1852, 27ª edição de 4 de julho de 1852 e 43ª edição de 24 de outubro de 1852. Desta forma, nelas estão contidos os textos sobre o propósito de Juana Manso, ou seja, a emancipação feminina que ela apoiava e divulgava, as respostas às cartas enviadas ao jornal em tom de ódio e um pensamento sobre a vida da mulher. Bárbara Souto (2020) elenca as principais reivindicações de Juana Manso nos textos sobre emancipação feminina:

- 1) consolidar os direitos das mulheres, que eram “naturais”, existentes desde a criação dos seres humanos, mas que os homens não reconheciam;
- 2) aprimorar a ilustração das mulheres para que elas pudessem exercer com maestria sua “missão” na sociedade: ser mãe e esposa – a primeira educadora dos homens e mulheres;
- 3) reconhecer o efetivo valor das mulheres enquanto seres pensantes, tão capazes intelectualmente como os homens, e superiores na sensibilidade e virtude, sendo anjos, não bonecas (SOUTO, 2020, p. 263).

Como podemos ver, para Bárbara Souto (2020), Juana Manso procurava não apenas consolidar os direitos naturais das mulheres, negligenciados pelos homens, mas também elevar sua ilustração para que pudessem desempenhar com excelência seu papel social como mães e esposas, fundamentais na educação da sociedade.



Lidia Lewkowicz (2000) apresenta, de forma sistemática, os artigos sobre emancipação moral da mulher no livro biográfico dedicado a Juana Manso. Além do mais, também expõe dois textos de periodistas distintos que abordam o comportamento da mulher oitocentista. Contudo, antes elencaremos três pontos relevantes a serem mencionados. O primeiro é o fato de Manso não ter receio em assinar seus textos, como veremos em um dos artigos destacados. Regina Silva (2020) salienta que, diferentemente das colaboradoras e das leitoras, Juana Manso não tinha medo de expor seu nome:

Diferentemente das leitoras/colaboradoras, que terão suas identidades protegidas, Manso não teme expor seu nome, assinando orgulhosamente a carta: “Joanna Paula Manso de Noronha”. Segundo Batticuore (2005, p. 132), este fato é, sem dúvida, “um traço moderno que a singulariza e a desmarca da maioria de suas predecessoras e também de muitas de suas contemporâneas, inaugurando através da imprensa feminina (...) a modalidade da autoria apropriada e exibida” [itálico da autora] (SILVA, 2020, p. 87) (Tradução própria)¹.

Sendo assim, de acordo com o trecho, Juana Manso, ao assinar orgulhosamente como Joanna Paula Manso de Noronha, destaca-se por um traço moderno ao expor sua autoria na imprensa feminina. Além disso, também é destacado como ela se separa de suas antecessoras e contemporâneas ao evidenciar uma autoria própria e visível, conforme destacado por Batticuore (2005, p. 132).

O segundo é o encarte das últimas vestimentas presentes em todas as edições de *Jornal das Senhoras* (1852). Regina Silva (2020) aponta que Manso tinha conhecimento de que seu periódico precisava de um atrativo para sua chegada e permanência no público feminino. À vista disso, ela decidiu incluir as últimas tendências de moda como uma excelente estratégia editorial. Além do mais, ainda em consonância com Silva (2020), a experiência da imprensa francesa foi um grande exemplo para essa atitude de Manso, logo, a pesquisadora reforça seu argumento com a pesquisa de Perrot (2017), realizada com as leitoras parisienses sobre a maneira que elas se interessavam por periódicos que reproduziam anúncios de moda e folhetins.

Mas como conquistar a confiança e o interesse das leitoras para convencê-las a abrir as páginas do jornal? Ao analisar este periódico, deduz-se que Manso demonstra ter consciência de que é necessário haver um atrativo para isso, e a moda surge como uma saída, uma via muito eficaz para seduzir as leitoras. Este aprendizado Manso assimilou das experiências da imprensa francesa,

¹ Diferentemente de las lectoras/colaboradoras, que tendrán sus identidades protegidas, Manso no teme exponer su nombre, firmando orgullosamente la carta: “Joanna Paula Manso de Noronha”. Según Batticuore (2005, p. 132), este hecho es, sin duda, “un rasgo moderno que la singulariza y la desmarca de la mayoría de sus predecesoras y también de muchas de sus contemporâneas, inaugurando a través de la prensa femenina (...) la modalidad de la autoría *apropiada y exhibida*” [la bastardilla es de la autora] (SILVA, 2020b, p. 87)



pois, segundo Perrot (2017, p. 33), as primeiras leitoras do século XVIII, na França, não demonstravam interesse pelos jornais de conteúdo político, destinados mais aos homens, mas tornaram-se fieis leitoras das colunas dos folhetins e das seções de moda, o que levou a imprensa a se especializar nesse tipo de segmento que terá grande desenvolvimento no século XIX, em razão do sucesso entre as mulheres (SILVA, 2020, p. 88) (Tradução própria)².

De acordo com o trecho acima, para atrair a confiança e o interesse das leitoras, Juana Manso reconhece a importância de utilizar a moda como um atrativo eficaz, aprendendo com a história da imprensa francesa. Esta compreensão demonstra sua habilidade em adaptar estratégias que se mostraram bem-sucedidas entre as mulheres, transformando *O Jornal das Senhoras* em um espaço não apenas informativo, mas também atrativo e relevante para o seu principal público, o feminino.

O terceiro ponto consistiu no jogo semântico que Juana Manso propunha para suas leitoras junto com o encarte dos figurinos, ou seja, o título dos anúncios dos trajes era acompanhado de alguma palavra que remetesse à emancipação feminina. Assim, Regina Silva (2020) destaca o anúncio presente na última página da primeira edição do periódico, no qual enuncia: “advertimos as nossas assignantes que para o seguinte numero daremos um padrão de diversos bordados mui lindos, e o molde do —colete de emancipação— todas as senhoras que devem usar” (Manso, 1852, p. 8). A pesquisadora enfatiza o uso das palavras “colete de emancipação” e “devem” influenciando no comportamento das suas leitoras a respeito do que deveriam vestir.

Para seduzi-las, ele utiliza como estratégia o interesse das mulheres pela moda. Não se trata de uma peça qualquer, o colete é, simbolicamente, um sinal de identidade que pretende destacar as leitoras do *Jornal das Senhoras* das demais mulheres da sociedade carioca (SILVA, 2020, p. 88) (Tradução própria)³.

Logo, com o uso do colete, mencionado acima por Regina Silva (2020), as leitoras brasileiras não só seguem as tendências da moda parisiense, mas também utilizam um poderoso símbolo para destacar individualidade e sofisticação das mulheres que usariam

² Pero ¿cómo conquistar la confianza y el interés de las lectoras para convencerlas de abrir las páginas del *Jornal*? Al analizar este periódico se deduce que Manso demuestra tener conciencia de que es preciso que haya un atractivo para ello, y la moda surge como una salida, una vía muy eficaz para seducir a las lectoras. Este aprendizaje Manso lo asimiló de las experiencias de la prensa francesa, pues, según Perrot (2017, p. 33), las primeras lectoras del siglo XVIII, en Francia, no demostraban interés por los periódicos de contenido político, destinados más a los hombres, pero se convirtieron en fieles lectoras de las columnas de los folletines y de las secciones de moda, lo que llevó a la prensa a especializarse en ese tipo de segmento que tendrá gran desarrollo en el siglo XIX, en razón del éxito entre las mujeres (SILVA, 2020b, p. 88).

³ Para seducirlas utiliza como estrategia el interés de las mujeres por estar a la moda. No se trata de una prenda cualquiera, el chaleco es, simbólicamente, un signo de identidad que pretende destacar las lectoras del *Jornal das Senhoras* de las demás mujeres de la sociedad carioca (SILVA, 2020, p. 88).



tal peça. Assim, o colete ultrapassa seu papel de acessório, tornando-se uma afirmação de estilo e demonstração de sua emancipação frente à sociedade carioca.

Por fim, para Regina Silva (2020), O Jornal das Senhoras não foi apenas um periódico dedicado à moda:

É claro que o projeto de Manso não está pensando apenas em mudanças relacionadas à moda, o que por si só já provoca discussão, mas sim, e principalmente, busca uma transformação no íntimo das mulheres, pois somente com a ilustração e a educação do sexo feminino é possível desenvolver a inteligência e, conseqüentemente, mudar a realidade à qual ela está submetida (SILVA, 2020, p. 89) (Tradução própria)⁴.

Dessa maneira, conforme Silva (2020), o projeto de Manso não apenas aborda mudanças na moda, mas também busca uma transformação profunda nas mulheres, promovendo educação e empoderamento para alcançar uma mudança significativa na realidade que enfrentam.

Sendo assim, buscando compreender o que cada texto de Juana Manso abordava, passamos a identificá-los a seguir. Na primeira edição do periódico (figura 1) há uma identificação do jornal e o seu propósito. Para tanto, Juana Manso lança mão da comparação entre editores masculinos e femininos, destacando que os homens sempre são bem recebidos e agraciados com votos de coragem e iniciativa para continuarem suas publicações, enquanto editoras femininas são imediatamente questionadas por estarem trabalhando em algo que é dito como masculino.

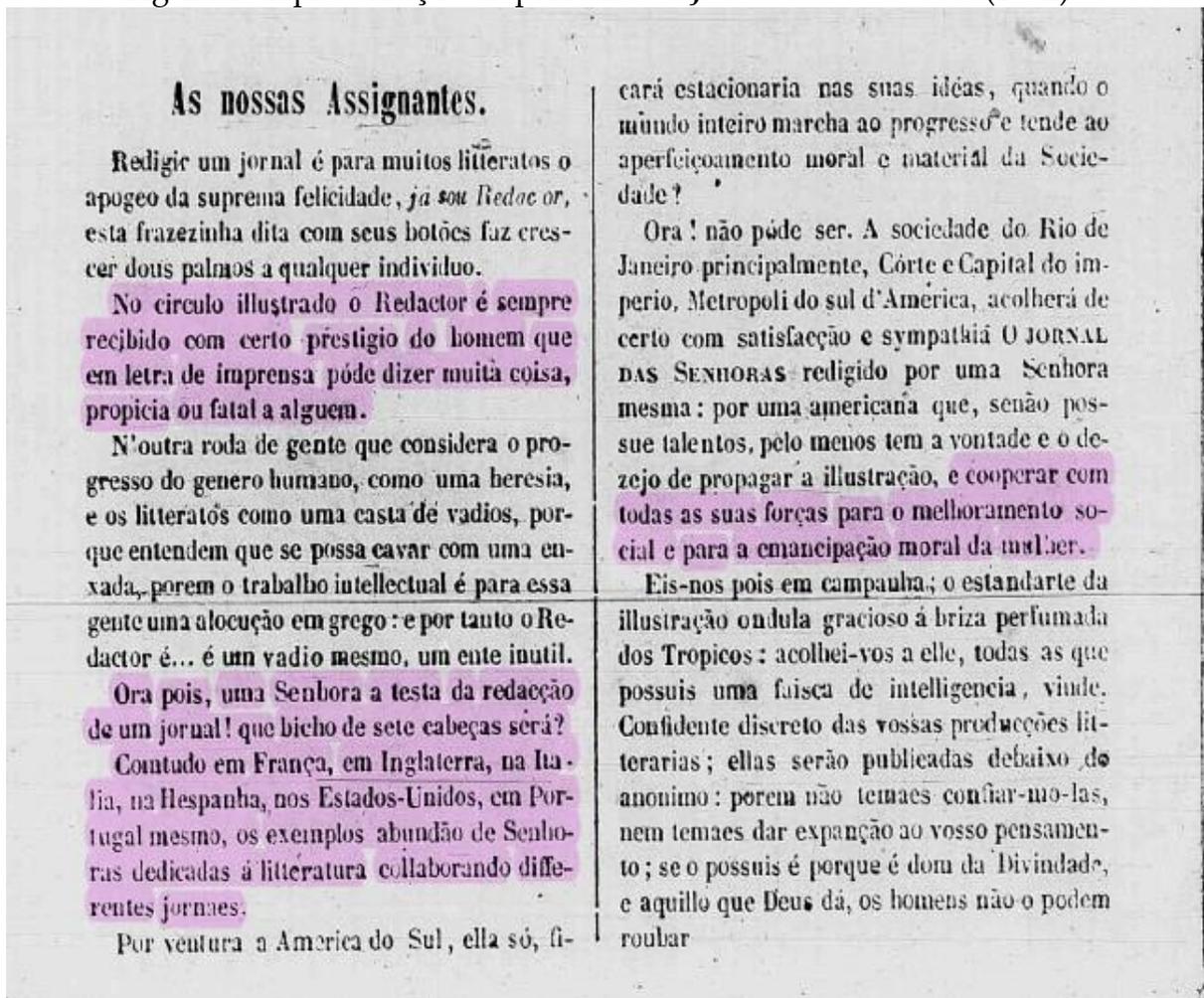
Além disso, outro dado que a editora apresenta é o fato de que na França, Inglaterra, Itália, Espanha, Estados Unidos e Portugal, as mulheres estavam cada vez mais se engajando em campanhas editoriais, tanto fundando periódicos, quanto colaborando com os que estavam em circulação pelos países. Conseqüentemente, a crítica consiste que apenas a América do Sul continuava estagnada no progresso das ideias morais e materiais da sociedade. Dessa forma, ela expõe as suas leitoras e leitores que o jornalismo feminino estava em constante expansão pelos demais países, enquanto outros permaneciam parados no passado.

No entanto, ao analisarmos detalhadamente os locais que Juana Manso cita, todos são regiões as quais praticaram o colonialismo, ou seja, exploraram outras cidades exercendo seus poderes de domínio. Deste modo, o que Juana Manso dita como estagnação, não poderia ser considerado uma forma de interferência dos países colonizadores sobre as colônias? Assim, os locais ditos civilizados ditavam as regras para que os países explorados continuassem estagnados, pois o acesso à educação se configurava como um risco para seus domínios de exploração.

⁴ Por supuesto el proyecto de Manso no está pensando solamente en cambios relacionados a la moda, lo que por sí solo ya provoca discusión, sino que, y principalmente, busca una transformación en lo íntimo de las mujeres, pues solo con la ilustración y la educación del sexo femenino es posible desarrollar la inteligencia y, conseqüentemente, cambiar la realidad a la cual ella está sometida (SILVA, 2020b, p. 89).



Figura 1 - Apresentação do periódico *O Jornal das Senhoras* (1852).



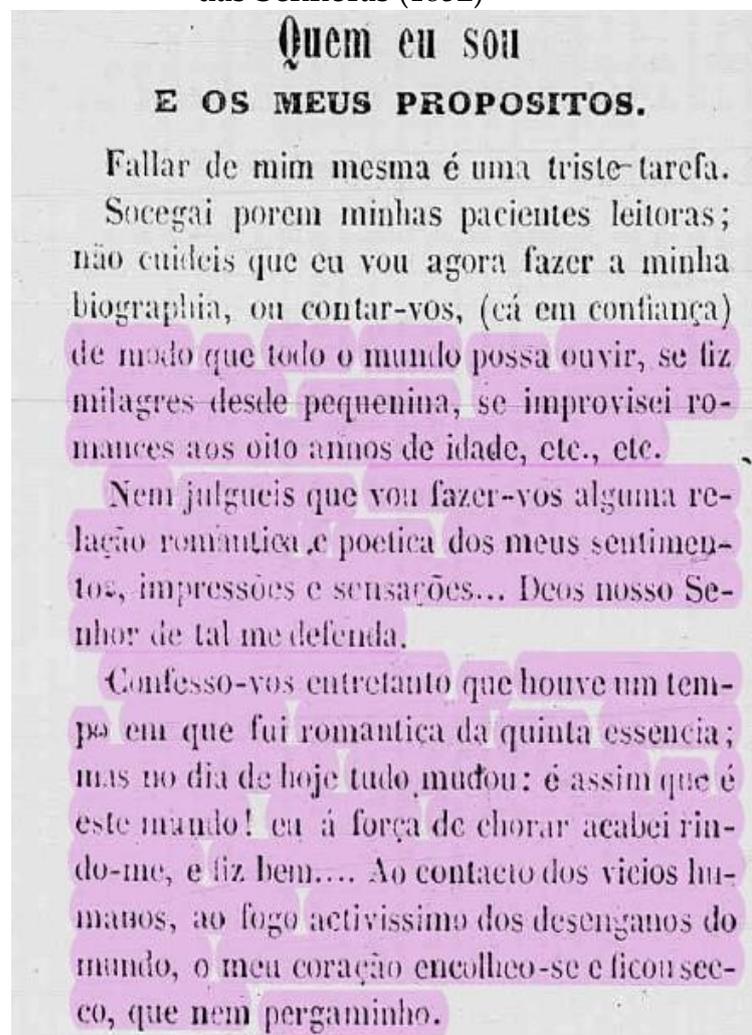
Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Ainda no editorial, a periodista comenta suas intenções com a publicação do jornal, sendo elas “a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher” (Manso, 1852, p.1). A partir do momento em que a escritora cita o termo “emancipação moral da mulher”, muitos leitores, principalmente os homens, ficam assustados com a ideia do que seria a

libertação da mulher e a julgam sem ao menos esperar uma explicação da redatora. Em consequência disso, ocorre uma extensa chuva de críticas ao jornal e à editora, sendo revelado pela própria Juana Manso nas próximas edições do periódico, no qual ela divulga o que é a emancipação moral da mulher e em outra edição responde a uma carta ultrajante que recebeu de um homem. Por fim, a periodista termina o seu primeiro editorial.

Na segunda edição, datada de 11 de janeiro de 1852, Juana Manso escreve dois textos, sendo eles intitulados: Quem eu sou e meus propósitos (figura 2) e Emancipação moral da Mulher (figura 3). Os dois textos não são assinados com o nome da escritora, porém, ao lermos, detectamos que foram escritos por Juana Manso, pois ambos trazem identificações que levam a redatora chefe do periódico.

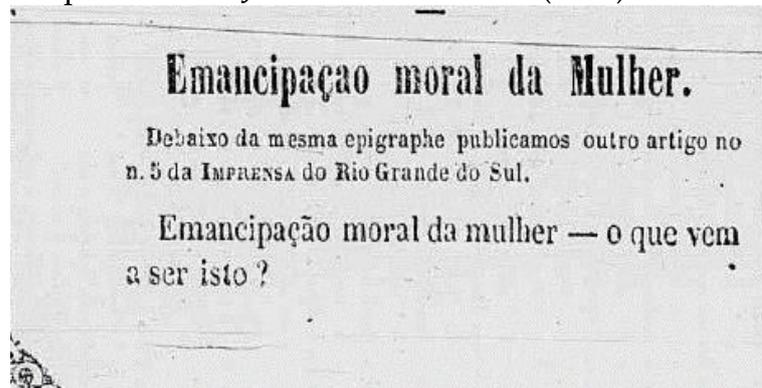
Figura 2 - Apresentação da redatora-chefe Juana Manso no seu periódico **O Jornal das Senhoras** (1852)



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil



Figura 3 - Primeiro texto sobre o intuito de divulgar a emancipação da mulher no periódico **O Jornal das Senhoras** (1852)



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No primeiro artigo de apresentação, Juana Manso, curiosamente, vai construindo seu texto no sentido de se apresentar fisicamente às suas leitoras. No entanto, ela conta uma história de como conheceu um ídolo seu, Echeverría (1805-1851), e como se assustou com o monstro (palavras da escritora) que viu, o que ocasionou nunca mais conseguir ler nada do que ele escrevia, ou seja, a idealização daquele homem havia sido destruída. Dessa forma, ao tentar apresentar-se, ela tinha receio de que suas leitoras tivessem a mesma reação com sua aparência, assim deixaria a imaginação e a idealização de sua apresentação física por conta dos leitores, “nunca mais li as rimas de Echeverria. Por isso não vos direi quem eu sou. Deixo-vos adivinhar (não sou vesga nem bexigosa) e vou tratar dos meus propósitos” (Manso, 1851, p.11). O mais importante era seus leitores saberem e se identificarem com os seus propósitos ao dar vida ao *Jornal das Senhoras*, “falar em diferentes coisas, e sobretudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão etc. [...] falar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!” (Manso, 1852, p. 11-12).

A escritora também detalha que desde pequena escreve romances, precisamente, com oito anos de idade, além de confessar uma certa ausência de sentimentalismo, ela revela que perdeu o romantismo da sua vida, pois os vícios humanos, os desenganos do mundo tornaram seu coração seco, comparando-o com um pergaminho. Ademais, a escritora finaliza sua apresentação afirmando que, apesar de estarem no século das luzes, a sociedade encontra-se às escuras. Além disso, enfatiza que seria um erro ignorar as contribuições que jornalistas como ela teriam para a sociedade oitocentista brasileira. Por fim, expressa as seguintes palavras, “porém o que seria mais monstruoso e inaudito era que - os outros ouvissem sem ninguém lhes falar — atendendo, pois a esta consideração, que é de grande peso, irei adiante com a minha tarefa; em nome de Deus — *en avant!*” (Manso, 1852, p. 12).

Podemos perceber nesse texto como Juana Manso possui preocupações em relação a sua aparência ao sinalizar o medo que possui de contar sobre suas descrições físicas, proporcionando o mesmo desânimo que ocorreu com ela no passado aos seus leitores. Além do mais, a periodista não conta sua trajetória até o nascimento do jornal, visto que ela havia contribuído com questões políticas na Argentina e no Uruguai. Aliás, no Brasil, a escritora vinha trabalhando como preceptora de meninas divulgando os novos métodos educacionais que estavam sendo utilizados na França, talvez o motivo de seu acanhamento em contar sua



história fosse que suas futuras leitoras não se comovessem em solidariedade a sua história de vida, mas se interessassem em adquirir o jornal por vontade de ler seu conteúdo.

Depois de sua apresentação, Juana Manso inicia seu segundo texto abordando o que seria a Emancipação moral da Mulher, a escritora tranquiliza suas leitoras, pois seu intuito não é causar uma revolução ou rebelião inútil, mas abordar sobre verdades inerentes à humanidade e não delírios utopistas. Para ela, com o crescimento do progresso, os homens tendem a segui-lo e desejam que suas companheiras façam o mesmo, uma vez que são elas que lhe dão a vida, perpetuando a raça e sendo suas companheiras nas dores e nos prazeres. No fim da sua digressão, finalmente, ela revela o seu conceito de emancipação redigindo o seguinte parágrafo:

É conhecimento verdadeiro da missão mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe que rouba, e dos quais a desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não o convence que um anjo lhe será mais útil uma que que boneca (MANSO, 1852, p. 12).

Ao analisarmos o sentido de emancipação feminina proposta por Juana Manso, percebemos que ele está relacionado à educação das mulheres, ao direito de saber como se comportar socialmente, ser uma excelente dona de casa, uma boa mãe a qual saiba educar seus filhos, principalmente os meninos. A concepção de superioridade dos homens, para Manso, constituía um erro primário, pois para uma educação bem-feita seria necessário o amor, o qual, segundo ela, é o único capaz de dispersar a hegemonia que os meninos vão adquirindo ao longo de sua vida. Dessa forma, se os homens souberem o que é amor desde a tenra idade, saberão entender os sentimentos de suas companheiras. A escritora afirma que o casamento, para as mulheres, é o alvo principal da existência feminina, enquanto para os homens é uma forma de “satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado ou assegurar a sua fortuna” (Manso, 1852, p. 13), ocasionando sentimentos conflitantes entre ambas as partes, além da mulher se deparar com a tirania e a mais profunda decepção no casamento. Ademais, o homem com o seu comportamento em relação à mulher utiliza termos tais como “minha mulher” e “meu cavalo, minhas botas”, Juana Manso sugere que, ao utilizarem tal comportamento, eles estão relegando à mulher um status de objeto, o qual pode ser esquecido sem utilidade alguma.

A periodista também alega o fato de ser comum nas rodas de conversas que as mulheres estejam com a cabeça baixa e respondam com monossílabos, sendo, para ela, uma injustiça tremenda, destacando que esse tipo de comportamento é comum nas classes mais pobres. No entanto, podemos alegar um certo nível de generalização na opinião da escritora, visto que, ao longo da história das mulheres no Brasil, todas as classes sociais foram atingidas pelo fato delas não terem o direito à educação. Sendo assim, é comum percebermos esse tipo de comportamento negativo com a mulher, independente se fossem elas de classes mais abastadas ou pobres da sociedade brasileira. Como vimos no capítulo anterior, o acesso à educação deu às mulheres o direito de ter mais liberdade, principalmente àquelas que se dedicaram à profissão de professoras.

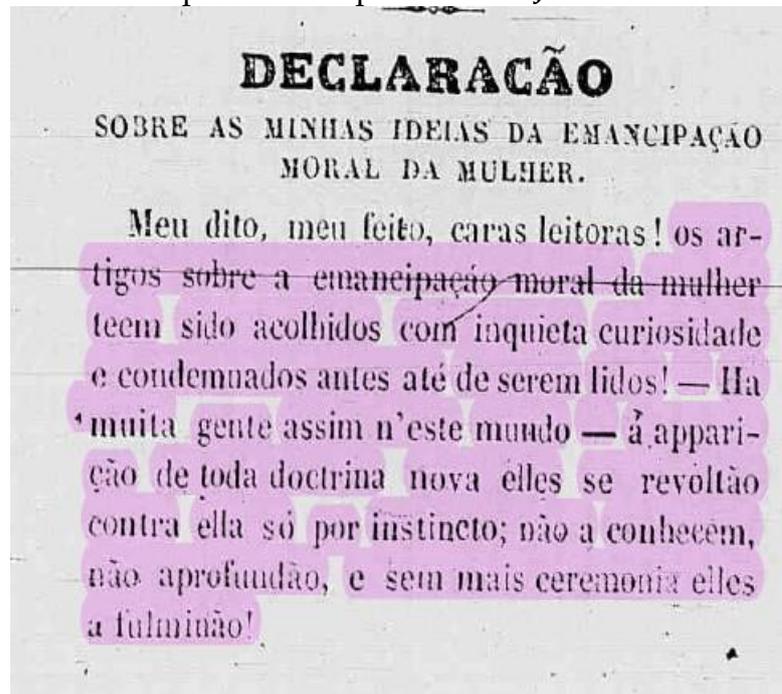


A jornalista continua seu artigo afirmando que na Europa e nos Estados Unidos as mulheres têm o direito de exercer qualquer profissão, diferentemente do que acontece no Brasil. A partir desse ponto, salientamos o seguinte trecho: “nós sabemos perfeitamente, que toda a família necessita de um chefe, e que o chefe natural da família, é o homem” (Manso, 1852, p.14). A interpretação realizada consiste na definição, para Juana Manso, da emancipação, a qual está relacionada ao fato de a mulher ter o direito de trabalhar fora de casa, tendo seus próprios proventos. No entanto, o marido sempre será o “chefe” da casa, porém a sua pretensão não está atrelada quanto a mulher não se casar e o seu desejo sobre ter filhos, mas o direito à educação, ao trabalho e igualdade entre homens e mulheres. Ela defende que as mulheres não sejam tratadas como enfeites dentro de sua casa ou desprezadas, mas que possam ser ouvidas dentro do seio familiar. A emancipação está no direito da mulher em ser vista como parceira daquele com quem se casa:

Sim! É dos lábios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e majestosa da mãe que ele deve aprender as primeiras lições da resignação, da paciência e da coragem, tão necessária neste mundo. É no silêncio da noite, na conversa íntima do esposo com a esposa, que ele relatara à aquela, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projetos, e até as decepções que de dia em dia marcam uma por uma as rugas da sua frente; e é dos lábios da esposa que ele tomará conselho para os projectos, fé para as esperanças, e consolação para as decepções, porque o coração da mulheres, ilustrada sobre a verdadeira missão, é o receptáculo das dores e dos prazeres da família: é em torno d’ella que todos se grupão e ella é jovem e graciosa, ali estará meiga e risonha como o anjo da esperança; se é velha, santa e imaculada como a mesma mãe do salvador (MANSO, 1852, p. 14).

Embora essa ideia seja considerada normal em nosso século, para o Brasil oitocentista, era ultrajante disseminar pensamentos da liberdade feminina sobre sair de casa para trabalhar, principalmente para as mulheres casadas. Tanto que, na edição de número 4, datada de 25 de 83 janeiro de 1852, Juana Manso publicou um artigo intitulado Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher (figura 4), sendo uma resposta à inquietação causada pelo seu texto publicado na edição anterior, o qual será mais detalhado a seguir.

Figura 4 - Início do artigo sobre a acolhida e condenação do texto sobre emancipação das mulheres presente no periódico **O Jornal das Senhoras** (1852)



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

A declaração se inicia com a periodista expondo como a emancipação das mulheres foi “acolhida com curiosidade e condenada” (Manso, 1852, p. 27) antes de saberem do que se tratava, afirmando que no mundo há muitas pessoas que condenam as novidades antes mesmo de conhecê-las por puro instinto de negação. Além do mais, mostra a indignação com que os leitores, principalmente os homens, receberam suas ideias da emancipação feminina, pois para eles as mulheres não deveriam ter direito a nada ou ao fato dessas ideias revolucionárias trazerem ideias contrárias às certezas do que os homens acreditavam serem verdadeiras. Sendo assim, nessa declaração a periodista evidencia que é a favor do casamento, das ideias, como ela mesma destaca, das ideias do Criador, incomum é o fato dela afirmar que sua definição de emancipação está vinculada ao conhecimento do que ela acreditava como deveres femininos, o fato de ser uma boa filha, esposa e mãe. Juana Manso destaca que não quer a mulher trabalhando como soldado, empregado público, oficial da marinha, Ministro de Estado e nem Doutor graduado em leis, seu intuito era promover o conhecimento das mulheres para serem excelentes mães e donas de casa, tanto que ela afirma o seguinte: “com quanto deva ella conhecer as do seu próprio país, porque tem de educar seus filhos no espírito da lei” (Manso, 1852, p. 27). Desse modo, tal frase é utilizada como argumento de o porquê não querer as mulheres nos cargos anteriormente citados.

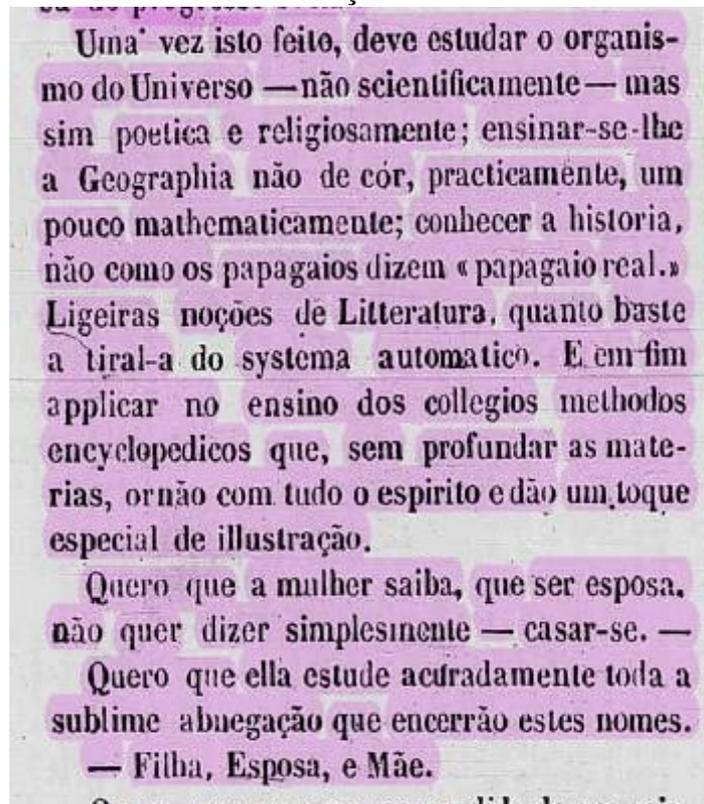
Mais uma vez Manso reafirma nessa declaração que seu intuito não é promover o abandono do lar doméstico, nem que a mulher “marche à campanha enquanto o marido em casa trata da cozinha”, infelizmente, a periodista vai relatando mais exemplos dos quais não deseja que a mulher se torne, como um “espírito forte e heroico das Espartanas” (Manso, 1852, p. 27), seu objetivo é a ilustração da mulher. No entanto, essa ilustração está ligada à religião e não a “coisas fúteis” (Manso, 1852, p. 28), a religião, para a escritora, “é o



verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos” (Manso, 1852, p. 28). Dessa maneira, é por meio do conhecimento da religião que a mulher saberá as “subdivisões” de seus deveres para com Deus e como mulher.

Destacamos também o parágrafo seguinte, pois Juana Manso afirma que a mulher deve ter conhecimento de mundo, estudar o universo, saber geografia, matemática, história, noções de literatura, mas não deve aprofundá-los. Sendo assim, a finalidade é ter instrução o suficiente para dar educação aos filhos (figura 5), tanto que ela reitera o seguinte sobre esses conhecimentos: “e enfim aplicar no ensino dos colégios métodos enciclopédicos que, sem aprofundar as matérias, ornã com tudo o espirito e dão toque especial de illustração. Quero que a mulher saiba, que ser esposa, não quer dizer simplesmente – casar-se-” (Manso, 1852, p. 28).

Figura 5 - Trecho destacado sobre a educação dos filhos presente no artigo **Declaração.**



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Ao final da declaração, Juana Manso mistura “Creador” (Deus) e a mulher, além do mais, para ela, a humanidade não se resume apenas ao homem e a mulher, a solidão individual de ambos. As mulheres devem aprimorar suas inteligências, pois é por meio desse aperfeiçoamento que conseguirão encontrar forças na moralidade e na preservação para se protegerem das humilhações masculinas. A periodista finaliza seu texto com a seguinte frase: “mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a opressão, contra a crápula, e contra a miséria” (Manso, 1852, p. 28).



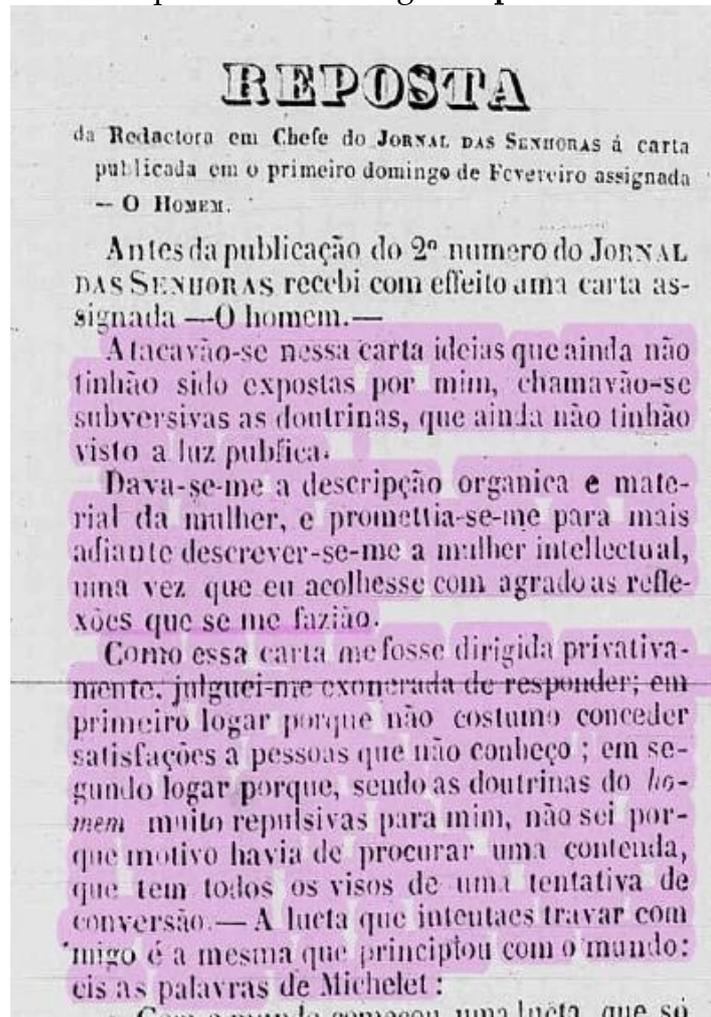
Como podemos analisar, a ideia de Juana Manso é ao mesmo tempo contraditória e favorável às mulheres, pois, pensando no período e no meio em que ela estava inserida, é “normal” ditar em seus escritos que acreditava no casamento e na religiosidade. Enquanto, por um lado, ela não abdicou ao fato de que o “fim da mulher é o casamento”, por outro, ela incentivava os estudos, mesmo que esses fossem com o propósito educacional para os filhos, visto que em seus escritos ela tentava ensinar como as mulheres deveriam educar os filhos para romper o ciclo vicioso do péssimo comportamento masculino.

Dessa maneira, talvez, os protestos masculinos tivessem algum sentido (para eles), se pensarmos que quanto mais a mulher ingressa no meio educacional, mais elas têm como objetivo continuar naquele espaço. Logo, como a educação dos homens nunca foi pautada em favorecer a mulher, torna-se mais difícil ter uma carreira profissional e cuidar do lar, dado que a educação masculina é baseada em não ajudar nos serviços domésticos. Ao analisarmos por esse lado, podemos pensar que os homens soubessem que quanto mais educação as mulheres tivessem, mais elas compreenderiam de seus direitos (e a falta deles) e deixariam de lado o fardo de se casarem e serem oprimidas por seus parceiros.

No terceiro artigo captado no periódico, datado em 8 de fevereiro de 1852, Juana Manso destaca no início de seu jornal uma resposta a uma carta anônima, assinalada como O Homem (figura 6), o qual ameaçava a periodista por causa das ideias de emancipação moral feminina e que suas ideias eram doutrinas subversivas. O recebimento desta correspondência ocorreu quando ela ainda não tinha explicado do que realmente se tratava suas ideias, pois essa tal carta é recebida após a primeira edição do periódico O Jornal das Senhoras, onde na descrição editorial era expresso o intuito focado na emancipação feminina sem mais nenhuma explicação aprofundada, apenas o aparecimento do termo. Nessa resposta, ela elucida dois motivos para ter respondido rapidamente essa carta, primeiro, ao fato de ser endereçada apenas para ela, segundo, que ela não se sentia na obrigação de “conceder satisfações a pessoas que não conheço” (Manso, 1852, p. 41). Por fim, comenta que as doutrinas dos homens são repulsivas para ela e que não vê motivo para tentar convencê-los de uma mudança.



Figura 6 - Resposta a uma carta de um leitor desprezando Juana Manso e seus ideais publicado no artigo **Resposta**.



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

Assim, a romancista declara que é uma pessoa humanista e progressista, palavras estas usadas pelos filósofos iluministas, o que demonstra que Manso estava atenta às transformações pelas quais a Europa passava, como já mencionado no capítulo anterior, diferentemente de quem mandou a carta, sendo destacado como alguém materialista, absolutista e inimigo do progresso. Dessa maneira, ambos lutariam pelas suas ideias até “ao rancor” e nunca chegariam a um acordo pacífico, isto é, jamais deixariam de ser o que são. Logo depois, mais fascinante é o parágrafo seguinte de Juana Manso (1852, p. 42) ao afirmar que a carta é apenas mais um espinho em comparação com a obra colossal a qual vem propondo, visto que sua carreira sendo adjetivada como perigosa teve seu início há anos. Ademais, por ele ser um materialista, estaria indo contra as ideias do criador e que cada conquista realizada por um povo rios de sangue, a escritora pergunta: “Pensaes que estou muito assustada?” (Manso, 1852, p. 43). Ela pensava além de aguardar o embate com um grande opositor de suas convicções, no entanto, as ameaças e calúnias feitas na carta pouco a abalaram. Dessa forma, ela dará continuidade ao seu ideal de emancipação moral feminina.



Manso destaca uma frase presente na carta, a qual considera horrível, sediciosa e aniquiladora “acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital” (Manso, 1852, p. 43), sua argumentação afirma que se a inquisição ainda estivesse em vigor e o dono da carta tivesse tais poderes, ela, com certeza, estaria sendo atirada contra “o fogo, a água, a cadeira, potro, os aneis, e por fim estava a esta hora carbonizada” (Manso, 1852, p. 43). A escritora considerava o matrimônio não como uma venda do corpo e da alma da mulher, mas um contrato social que Deus concedeu o direito de elas usufruírem, sendo considerado como egoísmo do homem ser negado. Por fim, ressaltamos a definição de contrato social o qual está inteiramente ligado ao iluminismo, esclarecido como algo que não valorizava a inteligência feminina, mas pregava a submissão dela. No entanto, mesmo que Manso pregue muitas características do iluminismo e do protestantismo, ela avançou ao indagar sobre o direito e a valorização do papel da mulher, de acordo com o contexto no qual a pesquisadora estava inserida.

Além disso, outro ponto relevante levantado nessa resposta é o fato de que na carta são citados os países como China e Turquia como locais de opressão. No entanto, Juana Manso rebate que o Brasil é o único lugar da América e da Europa onde a maior parte das mulheres são domesticamente tiranizadas, ou seja, oprimidas, as quais vegetam como plantas, não possuindo direitos, refletindo que a inteligência feminina é considerada um crime. Assim sendo, a explicação continua ao exemplificar com nos Estados Unidos, país que a autora visitou de maioria protestante, sendo a religião que ela se vinculava, as mulheres tinham direito a trabalhar, ter uma vida mais ativa e até mesmo mais inteligente que os homens, assim, o que pensaria o dono da carta? Concluindo, a periodista reafirma que quanto mais civilizada for a sociedade, mais profissões as mulheres podem exercer, tendo acesso ao mercado de trabalho, conseqüentemente, a mulher se afastará da miséria, das privações e da perda.

Em 1832, Nísia Floresta publicou o seu livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, o conteúdo do livro segue a mesma linha de pensamento que os artigos de Juana Manso sobre os direitos das mulheres. Da mesma forma que Manso afirma sobre a sociedade civilizada, Nísia Floresta afirma que:

Julgo, pois, ter provado de uma maneira evidente, que não há ciência, empregos e dignidades, a que as mulheres não tenham tanto direito de pretender como os homens; pois que eles não podem alegar outra superioridade que a força do corpo, para justificar o cuidado que têm de arrogar a si toda autoridade nas mulheres, que possa privá-lo de seu direito, senão a que resulta da injusta opressão dos homens, que é fácil refutar (Floresta, 1832 [2016], p. 159).

Ou seja, anos antes, Nísia Floresta defendia que as mulheres possuam a capacidade de estarem em qualquer âmbito que quisessem, pois a capacidade feminina era superior à masculina. Do mesmo modo, Juana Manso traz à luz, novamente, enfatizando que as mulheres têm direitos a exercerem qualquer profissão.



Para Manso, o remetente esqueceu um importante dado, isto é, ela era mãe de família e por conhecer seus direitos, ela divulgaria para outras mulheres que elas são livres. Além do mais, o conhecimento das dignidades femininas, sem oposição aos deveres (lembrando que a escritora era a favor do casamento e da instrução da mulher como um serviço, o qual prestaria à educação dos filhos, posteriormente) ajudaria a desempenhar seu papel (mãe, mulher, filha, como é destacado no texto anterior) com mais inteligência e devoção.

Ao mesmo tempo em que o dono da carta lança mão de que a periodista está prejudicando as mulheres e que o cristianismo as reabilitou, Manso argumenta utilizando as palavras de Jesus de Nazaré pregando a liberdade, a fraternidade e a humanidade, sendo recebidas como ideias “horrríveis, perniciosas e subversivas” (Manso, 1852, p. 42), e, no fim, levaram-no ao martírio da cruz. A romancista critica veemente a argumentação usando o cristianismo, pois, para ela, sobre o corpo de Jesus e de outros santos se formou um pacto “abominável e sanguinolento” (Manso, 1852, p. 42). Ademais, salienta que o catolicismo e o cristianismo não possuem nada em comum, ou seja, ser católico e ser cristão são coisas diferentes, pois cada um possui ideias diferentes, além disso, salienta que as fogueiras da inquisição não interpretavam as palavras doutrinárias de Cristo.

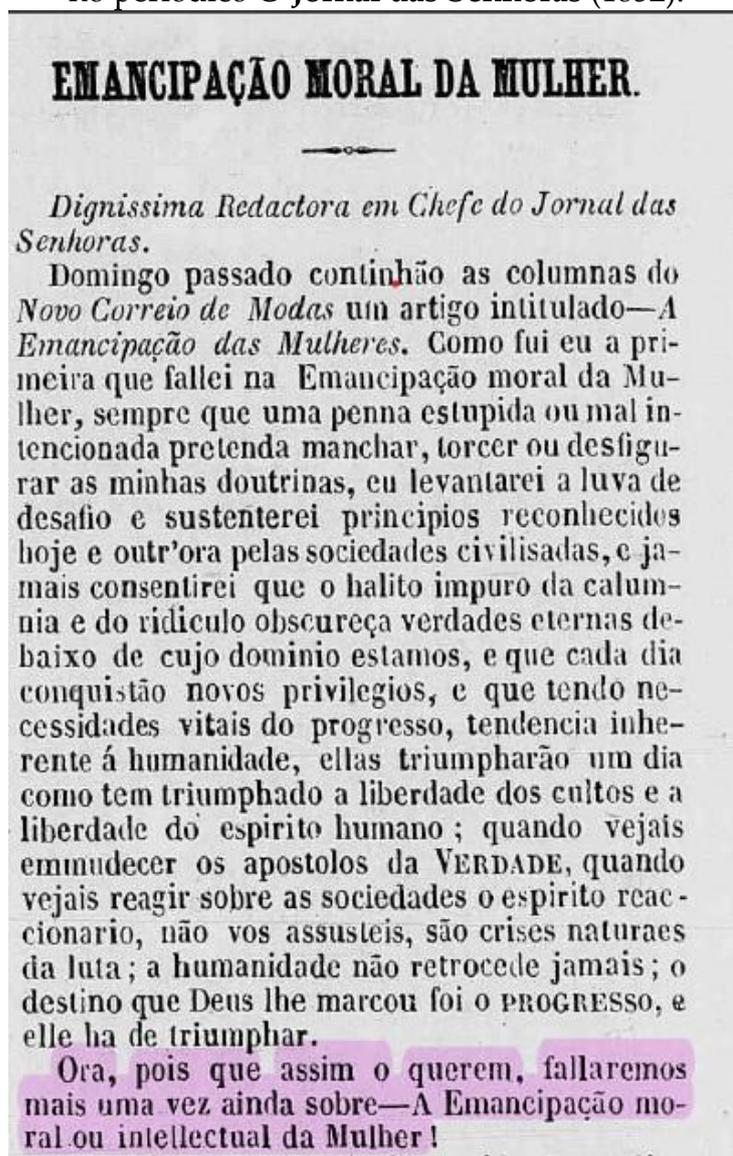
Além do mais, a tal reabilitação da mulher no cristianismo era como a humanidade sucumbida nas trevas da ignorância. Luma Medeiros (2022) destaca que as referências à religiosidade não apenas refletiam a convicção de Manso, a qual via no protestantismo mais liberdade em comparação ao catolicismo, mas também integrava uma estratégia para usar argumentos bíblicos e religiosos em favor da liberdade da mulher. Deste modo, isso representava uma subversão, uma vez que esses mesmos argumentos, frequentemente, eram usados para justificar seu comportamento submisso. Para Juana Manso, Jesus Cristo era a figura de um líder político, com princípios que ecoavam os ideais da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

Antes de finalizar sua resposta, Manso declara que a mulher sabe quando é tiranizada e não consegue se revoltar por conviver com a opressão. Assim, ela devolve ao remetente contestando a sua revolta, a qual deveria ser direcionada a Deus e não a ela, pois foi o Criador que deu alma e sentimentos a mulher, isto é, à sua imagem e semelhança. Reitera a importância da ilustração da mulher, compreendendo seus deveres, sinalizando que “melhor compreendera os seus deveres, mais amplamente prehenchera, essa missão sagrada de esposa e mãe; missão cujas bases principais são uma terna adesão, uma abnegação profunda, prudência, doçura e paciência” (Manso, 1852, p. 43). Como conclusão, a periodista sinaliza dois pontos, o primeiro se refere à recusa do afastamento de seus ideais, não tendo medo de protestos e das ameaças, uma vez que sabe argumentar. No entanto, enfatiza que não responderá mais tais cartas direta ou indiretamente, caso sejam anônimas, pois ela não tem receio algum de assinar o seu nome e solicita que o indivíduo faça o mesmo, assegura que será uma disputa desigual, isto é, o seu público saberá com quem ela estará discutindo, sem deixar espaços para arrependimentos.

Por último, finalizamos com o artigo intitulado Emancipação Moral da Mulher, presente na edição do dia 24 de outubro de 1852 (figura 7), época em que a direção do periódico não era mais de Juana Manso, mas de Violante Ataliba Vellasco. O artigo inicia com a periodista pedindo para a nova redatora chefe publicar seu manifesto, pois no

periódico Novo Correio de Modas foi publicado um artigo de título Emancipação das Mulheres, que, segundo a periodista, foi completamente deturpado no jornal e seu dever naquele momento era reafirmar do que realmente se tratava a emancipação moral e intelectual da mulher. Logo, sendo ela a primeira a levantar a bandeira da emancipação, tinha o dever de vir a público, novamente, e explicar, mais uma vez, que suas ideias não eram imorais, pelo contrário, ajudariam a retirar a sociedade do obscurantismo e levariam ao progresso.

Figura 7 – Trecho do último artigo de Juana Manso sobre a emancipação da mulher no periódico **O Jornal das Senhoras** (1852).



Fonte: Hemeroteca Digital do Brasil

No primeiro momento, Manso destaca que, ao ver tantas calúnias em uma publicação, não sabe o que pensar. Visto que no artigo é dito que a emancipação da mulher é negligenciar a formação de uma família, o que não é o objetivo da periodista, muito pelo contrário, Juana Manso sempre enfatiza em seus textos que sua emancipação é voltada para



o fortalecimento das famílias, como já explicitado anteriormente. Ao longo de sua queixa ela destaca que tal ideia é uma anomalia, dado que não existe sociedade sem família, ela questiona o fato de atacarem suas ideias e argumenta que Turquia, Portugal e Brasil são os únicos lugares onde as mulheres não são livres, além de não serem consideradas como racionais com a ausência de uma vida intelectual igual ao homem. O questionamento vai ainda mais longe ao revelar a origem da subordinação das mulheres na América, assim ela afirma que “a escravidão das mulheres é uma herança funesta que o domínio dos Árabes deixou na península Ibérica, e que foi transmitido e implantado na América pelos conquistadores (Manso, 1852, p. 143)”.

Em seguida, é dado como exemplo a Espanha que, de acordo com Manso, “perdeu parte de suas negras⁵ tradições” (Manso, 1852, p. 143), e, com a subida da rainha Maria Christina de Bourbon, viu-se a abertura intelectual da mulher espanhola e que até aquele momento podiam ser encontradas diversas associações literárias das quais ilustres escritoras faziam parte. Enquanto isso, Portugal ainda não se “livrou” das tradições do Oriente, no entanto, as classes medianas do país estão avançando aos poucos; no quesito das “américas hespanholas”, o comércio com outras nações estrangeiras tem dado abertura às ideias liberais e do direito das mulheres, conforme Manso, há leis a favor dos direitos da mulher. Ademais, mais uma vez a periodista destaca a liberdade intelectual feminina que há nos Estados Unidos e que podemos encontrá-las trabalhando nas manufaturas, nas lojas, nos mercados, nos campos, casas de família e hotéis administrados por mulheres. Além do que, ela chama de “folhas publicadas” as redigidas por mulheres, destacando que em diversos âmbitos da sociedade estadunidense as mulheres estão trabalhando e, por isso, elas são superiores aos demais países os quais não aceitam que a mulher tenha alguma liberdade.

Pontuamos que Juana Manso, nesse último texto, enfatiza que a mulher, mesmo tendo filhos, deve trabalhar, pois é necessário para viver e se sustentar. Além do mais, se o marido trabalha e o salário não é suficiente, é necessário que a esposa entre no mercado de trabalho; ainda mais encorajador é o fato dela afirmar que “a mulher tem a força intelectual e a força física adquire-se” (Manso, 1852, p. 143), e finaliza manifestando que é mais honroso uma mulher trabalhar do que encher-se de filhos e não ter como cuidá-los.

A periodista aponta que em países como Inglaterra, Itália, Suíça, Alemanha e França, a mulher está completamente emancipada e vive ao lado do homem; e se elas têm liberdade, então não possuem famílias? É o que questiona aos seus jornalistas rivais. A resposta é negativa, pois tais países vivem a glória do progresso. Manso afirma que deveria existir uma lei que protegesse os direitos da mulher, para a escritora, os seguintes atos são crimes que deveriam ser punidos: o fato da maioria dos pais serem tiranos com as filhas; quando o irmão vira um usurpador dos bens (por exemplo, os pais faleceram e a herança não se destina à filha, mas ao filho, mesmo que este seja menor de idade); no ato concubinação e/ou adultério (masculino). Ou seja, situações em que a mulher é nitidamente lesada deveriam ser crimes factíveis de punição, pois com esse entendimento, acabaria a guerra injusta contra a emancipação moral da mulher no Brasil.

⁵ O termo “negras tradições” só foi utilizado neste trabalho, pois retirou-se diretamente do texto de Juana Manso. Ademais, a expressão possui teor racista e não deve ser utilizada.



Por fim, em seu último parágrafo, observa que a emancipação moral ou intelectual da mulher, no Brasil, não é utópica e que marcha em conjunto com a chegada da moda francesa, afirmando que a “Emancipação moral ou intelectual da Mulher, no Brasil, não é uma utopia, nem um paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapéus e nas casas francesas que nos chegam todos os meses nos pacotes ingleses” (Manso, 1852, p. 143).

4 CONCLUSÃO

Portanto, alguns aspectos são importantes para serem analisados, dessa forma, Portanto, podemos perceber que no seu último artigo mencionado, em comparação aos anteriores, alguns pontos são repetitivos, como a afirmação de que os Estados Unidos são um país no qual as mulheres têm total liberdade intelectual e acesso ao mercado de trabalho; a questão dos países do Oriente Médio também já havia sido levantada na resposta à carta endereçada à periodista, visto que, nos países que fazem parte desse bloco, as mulheres não possuem nenhum direito, igualmente ao Brasil oitocentista. No entanto, sobressai nesse artigo o fato de a periodista não ressaltar em demasia a questão religiosa e a formação da família, esse último tópico ela até cita, mas não com tanta veemência como nos textos anteriores. Da mesma forma, notabiliza a importância do trabalho feminino fora de casa, na ajuda nas despesas e no sustento dos filhos. Nos primeiros textos, ela enfatiza que não quer que a mulher seja soldado, ministro etc., distinguindo-se do texto atual que aponta a importância do trabalho feminino e a favor da não concepção demasiada de filhos que a família não poderá sustentar. Dessa maneira, podemos inferir que houve diferenças ao longo de seus textos sobre emancipação moral e/ou intelectual da mulher; a possibilidade dessas mudanças e acréscimos aparecerem, o que pode ter sido consequência dos acontecimentos que estavam ocorrendo em sua vida, já que ela enfrentava a missão de cuidar de si e de duas filhas sozinha.

Ademais, pontuamos que, para Luma Medeiros (2022), *O Jornal das Senhoras* valorizava a inteligência da mulher, a qualidade de serem leitoras, escritoras, não formava apenas leitores e conseguia construir uma relação de cumplicidade narrador-leitor. Medeiros (2022) salienta que o jornal inferia que não existia uma escritora que não fosse leitora, conseguindo demonstrar a alegria da existência de mulheres escritoras e preocupadas com a questão da emancipação feminina. Por fim, o periódico questionava o modelo dominante da época “como o poder de fala, de imposição das roupas, da educação, da economia que excluía as mulheres etc. - nem sempre de maneira cifrada, desde a coluna de modas até o enredo folhetinesco” (Medeiros, 2022, p. 85). Ou seja, a partir dos textos referidos anteriormente e do exposto por Medeiros (2022), vemos que o periódico conseguiu alcançar com êxito seu propósito, pois seu intuito era apresentar às leitoras uma perspectiva de notícias e da luta pela bandeira da educação/emancipação feminina, conseguindo, de alguma forma, atingir ao que foi proposto em seu primeiro encarte.



Ademais, após sua saída do periódico *O Jornal das Senhoras*, Juana Manso, que decide voltar à Argentina, retorna ao Brasil, dedica-se ao teatro e ali, provavelmente, foi onde ela tomou conhecimento de muitas outras vivências femininas. Tendo em vista que, nos anúncios presentes em alguns periódicos do Rio de Janeiro, ela divulgava o seu trabalho (o seu nome) ao lado dos demais atores e atrizes que interpretavam os papéis por ela escritos.

Em resumo, a análise dos textos de Juana Manso revela uma evolução na sua perspectiva sobre a emancipação feminina. Embora temas recorrentes, como a crítica à situação das mulheres, se mantenham, há uma crescente valorização do trabalho e da educação feminina. Sua mudança de foco em relação à questão religiosa e familiar indica uma adaptação às suas vivências pessoais. Com *O Jornal das Senhoras*, Manso não só promove a leitura e a escrita entre as mulheres, mas também instiga reflexões sobre seus papéis na sociedade.

REFERÊNCIAS

Direitos das mulheres e injustiças dos homens, Nísia Floresta (1810-1885). Constança Lima Duarte (org.). Fundação Ulysses Guimarães, 2016. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Nisia-Floresta-Completo.pdf>. Acesso em 26 out. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

LEWKOWICZ, Lidia F. **Juana Paula Manso (1819-1875) una mujer del siglo XXI**. Corregidor: Buenos Aires, 2000.

MANSO, Juana. **O Jornal das Senhoras (RJ) – 1852 A 1855**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700096/75>. Acesso em 3 fev. 2023.

MEDEIROS, Luma Virgínia de Souza. **“Mas afinal, o que vem a ser a mulher?”**: representação da mulher oitocentista e formação da leitora no jornal das senhoras. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 129, 2022.

SOUTO, Barbara. Juana Manso: uma intelectual feminista transnacional (Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1852-1855). **Dimensões**. Universidade Federal do Espírito Santo, v. 14, jul.- dez. 2020, p. 53-83.

SILVA, Regina Simon. El *Jornal das Senhoras*: um proyecto periodístico feminino para la emancipación de las mujeres brasileñas. **Revista Moara**: Belém. N, 56, v. 1, ago. – dez. 2020.

ZILBERMAN et al. **As pedras e o Arco**: Fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.



JUANA PAULA MANSO Y LA LUCHA POR LA EMANCIPACIÓN FEMENINA EN LOS
ARTÍCULOS PUBLICADOS EN EL PERIÓDICO *O JORNAL DAS SENHORAS* (1852)

JUANA PAULA MANSO E A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO
FEMININA NOS ARTIGOS PUBLICADOS NO SEU PERIÓDICO *O
JORNAL DAS SENHORAS* (1852)